

A SÁTIRA MENIPÉIA E OS FOLHETOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS: LEITURA DO FOLHETO *O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO*.

Luzia Rita Nunes de Lira

luziajlh@hotmail.com

Orientador: José Hélder Pinheiro Alves

helderpin@uol.com

(UFCG)

Considerações Iniciais

A literatura em si não deve ser objeto que tem como pretexto ensinar. O que precisa ser ensinado é a leitura literária, para que o leitor possa alargar sua visão de mundo e com isso atribuir sentido a partir de suas próprias intervenções.

Sendo assim, é necessário que se desenvolva um trabalho com a leitura, principalmente na sala de aula tendo em vista as crescentes transformações e exigências do mercado de trabalho, quanto à capacidade de ler e interpretar textos.

Conforme os PCNs (2002 p.145) o ensino de literatura: visa ao “ao aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Ainda de acordo com esse documento o ensino de literatura deve “recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura”.

As atuais práticas de ensino de literatura não se ajustam ao que o referido documento orienta, já que muitos alunos do nível médio confessam não se sentirem motivados para as aulas de literatura, e se sentem pouco estimulados para o contato mais aprofundado com o texto literário. Isso se deve, muitas vezes, ao fato de as aulas de literatura se transformar-se em instrumentos de informações e de suporte para o estudo da gramática.

Também a falta de repertório de leitura e as interpretações retóricas que a maioria dos livros didáticos traz têm causado a nosso ver, o desinteresse do aluno pela literatura.

Rever a prática de ensino de literatura e propor metodologias que favoreçam a interação entre o texto literário e o leitor é função da escola. Para isso, é preciso que escola ofereça condições para que o educando tenha acesso à leitura e que a seleção de textos a serem oferecidos contemple suas necessidades e curiosidades, levando-os à reflexão e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do senso crítico.

Na tentativa de sanar as dificuldades de leitura e compreensão, optamos, em nossa pesquisa, por trabalhar com cordéis de Leandro Gomes de Barros, já que se trata de narrativas jocosas que se cruzam com o universo do alunado do sertão nordestino, campo desta experiência, de forma engraçada e criativa.

Assim, nossa proposta buscou realizar uma experiência de leitura em sala de aula a partir de uma metodologia que valoriza os elementos do gênero a ser trabalhado: o cordel, considerando a importância da leitura acompanhada e orientada em sala de aula; professor lendo com o aluno, levando-o a posicionar-se, questionando, refletindo e fazendo suas próprias intervenções.

Esta proposta se justifica pela necessidade de desenvolver uma metodologia de leitura literária que valorize os elementos constituintes do gênero selecionado para abordagem, temática, metrificacão, sonoridade, personagem, linguagem e outros aspectos. A ideia é também tentar mostrar que é possível diminuir a prática de leitura com fins apenas didáticos ainda estabelecidos na escola. Acreditamos que se desenvolvermos atividades de leitura que despertem a criticidade e a curiosidade do aluno, e que ele possa perceber o texto como objeto de reflexão, ele será capaz de compreender a especificidade do texto. Para isto, é necessário que o professor reflita e redimensione a sua prática, no sentido de propiciar ao seu aluno uma aproximação entre o mundo ficcional e o mundo real.

A ideia de trabalhar com o cordel se deve também por observar que é um gênero ainda pouco estudado na escola, além de dialogar perfeitamente com a realidade do público instrumento de nossa pesquisa. Pretendemos, também, que o cordel tenha espaço na sala de aula, como texto literário de valor que não se difere dos textos eruditos, dada suas peculiaridades estéticas, como a extensão de suas narrativas, a musicalidade de seus versos, torna-se instrumento ideal para que o aluno entre em contato com o texto literário em sua integralidade e não mais de forma fragmentada. Além disso, o foco que resolvemos dar a obra de Leandro “a sátira” constante na literatura, e constantemente desenvolvida por Leandro. Conforme Diégues JR (1986, p.317) “Sua originalidade, seu humor, e especialmente sua sátira, vistos no comentário social, fazem de seus folhetos obras-primas na Literatura de Cordel”.

Partindo de uma situação problema de Ensino de literatura pouco estimulante e da ausência de leituras literárias de textos da Literatura Popular no ambiente escolar, tivemos por objetivo geral estudar a recepção de folhetos satíricos de Leandro Gomes de Barros por alunos do 3º Ano de Ensino Médio de uma Escola Pública. Quanto aos objetivos específicos buscamos observar a ligação entre a sátira menipéia e os folhetos de Leandro Gomes de Barros, além de formar leitores de cordel a partir de folhetos satíricos de Leandro Gomes de Barros através de metodologias de caráter dialógicas.

1. A sátira menipéia e os folhetos de Leandro Gomes de Barros

Um dos aspectos que a crítica tem destacado na obra de Leandro Gomes de Barros é o caráter satírico de seus folhetos. Possuindo um aspecto multiforme, a sátira não se configura como gênero e pode se fazer presente nos mais diversos veículos sejam eles literários ou não. Motivada pela insatisfação e pela recusa dos costumes a sátira requer uma consciência alerta que seja capaz de observar as incongruências do homem e da sociedade.

Partindo do pressuposto de que a exposição de tais incongruências pode acarretar a correção dos vícios e desvios, produzindo uma melhoria do caráter humano, bem como das instituições sociais, é possível afirmar que ela se vincula ao que é intimamente humano, uma vez que expressa a insatisfação e a esperança.

A tentativa de encontrar definição para o termo sátira se faz presente neste trabalho, porém não constitui objetivo do mesmo. Mesmo assim, não podemos simplesmente renunciar a essa tarefa, por isso, buscaremos circunscrever algumas definições ou aproximações, as quais consideramos pertinentes aos nossos interesses. Segundo o Dicionário de termos Literários organizado por Massaud Moisés (1978)

Sátira do Latim sátira(m), de lanx satura prato cheio de frutos sortidos que se ofereciam a Ceres, deusa das sementeiras (satum), modalidade literária ou tom narrativo a sátira consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou indivíduos. Vizinha da comédia e do humor burlesco. (MOISES, 1978, p.469-470)

Sendo um procedimento literário voltado para censura dos costumes, das instituições e das ideias em tom irônico, mordaz e não raro jocoso, os textos satíricos assumem um discurso crítico e maldizente, que se define por caricaturar e relegar ao ridículo os defeitos e vícios da vida em sociedade. Acreditamos que esse aspecto possa corroborar para um bom resultado com a leitura de cordéis em sala de aula de ensino médio

Mikhail Bakhtin (1981), em estudo de grande importância sobre a obra de Dostoievski, examina de forma minuciosa a “sátira menipéia”, a qual muito se aproxima do aspecto que nos propomos a explorar neste trabalho. Bakhtin (1981, p. 97) afirma que a sátira

menipéia “exerceu uma influência muito grande na literatura cristã antiga (do período antigo) e na literatura bizantina (e, através desta, na escrita russa antiga)”.

Na antiguidade clássica, os gêneros ligados ao campo do cômico-sério, a exemplo do *diálogo socrático, das fábulas, da poesia bucólica, da sátira menipéia*, entre outras, eram geralmente tidas como opostas aos chamados gêneros sérios como a tragédia, a epopeia e a retórica. Para Bakhtin (1981) esses gêneros estão conjugados com o folclore carnavalesco, variando de grau de um gênero para outro. Em seu estudo, o teórico Russo aponta três peculiaridades para os gêneros do cômico-sério. A primeira seria o tratamento dado à realidade, a atualidade viva a representação do dia a dia. A segunda é o fato de não se basearem em lendas e sim na experiência e na fantasia livre e a terceira seria a pluralidade de estados e variedade de vozes, observa-se, por exemplo, a presença de gêneros intercalados, a fusão da prosa e do verso, o bilinguismo e o uso de dialetos e jargões, etc.

Em seu texto o teórico discute a procedência da vinculação das obras de Dostoievski a variedade que leva à linha carnavalesca, denominada por ele de variedade *dialógica*. Nesta, dois gêneros do campo do cômico-sério são determinantes: *o diálogo socrático e a sátira menipéia*. Após discorrer sobre as peculiaridades históricas do diálogo socrático, Bakhtin percorre as origens e os representantes das menipéias antigas. Para crítico russo:

Esse gênero deve a sua denominação ao filósofo do século III a.C Menipo de Gadare, que lhe deu forma clássica (...) Mas o gênero propriamente dito surgiu bem antes e talvez o seu primeiro representante tenha sido Antistheno, discípulo de Sócrates e talvez um dos autores dos diálogos socráticos. (BAKHTIN, 1981, p.97)

Discorrendo a respeito das típicas peculiaridades da categoria literária conhecida como sátira menipéia ou simplesmente menipéia, o teórico apresenta as características deste gênero divididas em catorze tópicos, os quais tentaremos sintetizar da seguinte forma:

1. Excessiva importância dada ao elemento cômico;
2. Liberdade, excepcional, de invenção temática e filosófica; livre das lendas, a menipéia não está presa às exigências da verossimilhança externa. “É possível que em toda a literatura não encontremos um gênero tão livre pela invenção e a fantasia do que a menipéia”. (BAKHTIN, 1981, p.98);
3. As peripécias, as fantasias, as situações fantásticas, mesmo as mais ousadas, são justificadas como tendo um fim ideal e ideológico de *provocar e experimentar a verdade*;
4. A combinação de situações aparentemente inconjugáveis, o símbolo e, às vezes, o elemento místico- religioso se combinam com um *naturalismo de submundo*, extremado e grosseiro;
5. Uma espécie de reflexão sobre os problemas do mundo através de uma ousada imaginação combinada com um naturalismo filosófico;
6. Manifestação de uma estrutura triplanar em que ações com base no universalismo filosófico, se deslocam da terra para o Olimpo (céu) e deste para o inferno. “Na menipéia teve grande importância à representação do inferno, onde germinou o gênero específico dos “diálogos dos mortos”, amplamente difundido na literatura europeia do Renascimento, dos séculos XVII e XVIII.” (BAKHTIN, 1981, p.100);
7. Surgimento da modalidade do fantástico experimental, isto é, análise e observação dos fenômenos a partir dos pontos de vista e focos de visão inusitados;
8. Aparecimento da experimentação moral e psicológica representação de toda espécie de loucura: dupla personalidade, sonhos e devaneios, temáticas suicidas, isto é, de situações limítrofes entre a sanidade e a loucura;

9. Uso de categorias como excentricidade, o escândalo as declarações inoportunas, violações às normas e as etiquetas comportamentais e de discursos;
10. Presença de jogos de oximoros, de antíteses e contradições violentas;
11. Incorporação de elementos da *utopia social*, introduzidos sob a forma de sonhos ou viagens a países misteriosos;
12. Intercalação de gêneros (cartas, novelas, discurso típicos da oratória dou do jornalismo, sermões, etc.) ou fusão da prosa e do verso;
13. Multiplicidade de estilos e enfoque conferido à palavra, enquanto portadora de plurissignificações dentro do universo literário;
14. Presença de temas voltados à literatura político-social, ou *publicística*, caracteristicamente centrados na atualidade. A vinculação da “publicística” às peculiaridades da menipéia faz coro com a dessacralização, os contrastes e as alegorias carnalizadas.

Dentre os folhetos estudados e as possíveis aproximações com a sátira menipeia podemos destacar a primeira característica que trata da excessiva importância dada ao elemento cômico, traço recorrente nos três folhetos analisados. Quanto ao folheto *O cavalo que defecava dinheiro*, especificamente, poderíamos associá-los a terceira característica que trata das peripécias e fantasias.

A menipéia, assim como os outros gêneros englobados pelo cômico-sério, busca sua organização na cosmovisão carnavalesca, ou seja, procura *o livre contato familiar entre os homens* (BAKHTIN, 1981), a eliminação das distâncias sociais e hierárquicas, a excentricidade, a profanação formada pelos sacrilégios carnavalescos. Capaz de penetrar em todos os outros gêneros e de explorar o elemento cômico como nenhum outro, a sátira menipeia se torna “mais livre pela invenção e pela fantasia” (BAKHTIN, 1981, p.98). Essa liberdade se apresenta também como uma experimentação da moral, cheia de filosofia e psicologia, colocando o homem em diálogo com sua própria consciência. Além disso, apresenta-se através de personagens que vivem situações extremas, como afirma Bakhtin (1981):

A menipéia é plena de contrastes agudo e jogos de oximoros: a hetera virtuosa, a autêntica liberdade do sábio e sua posição de escravo, a decadência moral e a purificação, o luxo e a miséria, o bandido nobre, etc. A menipéia gosta de jogar com passagens e mudanças bruscas, o alto e o baixo, ascensões e decadências, aproximações inesperadas do distante e separado, com toda sorte de casamentos desiguais. (BAKHTIN, 1981, p.101)

O teórico Russo conclui seu percurso sobre a menipéia afirmando que Dostoiévski não foi um estilizador de gêneros antigos. Em termos gerais, pode-se dizer que quem conservou as particularidades da menipéia antiga não foi a “memória subjetiva” de Dostoiévski, mas a “memória objetiva” do próprio gênero com o qual ele trabalhou.

Dessa forma, podemos entender a sátira menipeia, como sendo o gênero que muito se aproxima do que chamamos apenas de *sátira*, com todas as nuances pertencentes a esse gênero. Verificar como a sátira se faz presente no folheto que compõem o corpus desta pesquisa constitui o objetivo do próximo tópico.

2. Breve leitura do folheto *O cavalo que defecava dinheiro*

Os poetas populares do nordeste brasileiro, na maioria das vezes, têm suas inspirações associadas a manifestações do imaginário popular. No folheto *O cavalo que defecava dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros, percebemos que o poeta representar em seus versos o poder que a ambição exerce na sociedade e para isso cria situações com o objetivo de satirizar pessoas e instituições.

Escrito em 77 sextilhas em redondilhas maior, com esquema rímico que novamente segue a tradição. O enredo é de um fazendeiro invejoso e avarento chamado na história de Duque¹, que por várias vezes é ludibriado por um compadre matuto.

O poema está estruturado em quatro partes, na primeira faz-se a apresentação dos personagens e narra o primeiro “quengo” aplicado pelo matuto, que consistia em fazer o duque acreditar que o cavalo que tinha defecava dinheiro para assim atizar a cobiça do duque e lucrar um bom dinheiro com a venda do cavalo que já estava magro e doente.

Na cidade de Macaé	Quando o duque velho soube
Antigamente existia	Que ele tinha esse cavalo
Um duque velho invejoso	Disse pra velha duquesa:
Que nada o satisfazia	_Amanhã vou visitá-lo
Desejava possuir	Se o animal for assim
Todo objeto que via	Faço o jeito de comprá-lo!

Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado.

Esse primeiro golpe aplicado pelo matuto desencadeia todo o desenvolvimento do folheto, pois o compadre sabendo que o duque ao descobrir sua armação voltará para pedir-lhe explicação adianta-se a planejar o próximo golpe, que é narrado na segunda parte do enredo. O matuto desta vez com a ajuda da esposa vende uma rabeça velha ao duque, fazendo-o acreditar que a rabeça tem poderes mágicos de ressuscitar mortos.

O velho que confiava
Na rabeça que comprou
Disse a ela: _Cale a boca!
O mundo agora virou
Dou-lhe quatro punhaladas,
Já você sabe quem sou.

O velho muito ligeiro
Foi buscar a rabequinha,
Ele tocava e dizia:
_Acorde, minha velhinha!
Porém a pobre da velha,
Nunca mais comeu farinha.

Essa artimanha deixa o duque furioso, ao ponto de querer vingar-se a todo custo. Então, Contrata *capangas* para matarem o matuto, porém o matuto sempre esperto aproveita a distração dos capangas e consegue ludibriar um boiadeiro que passava por eles no momento em que ele ia ser empurrado de um penhasco. O boiadeiro também cai na conversa do esperto e pensando que irá se casar com uma milionária aceita trocar de lugar com o matuto e acaba por ser assassinado em seu lugar.

¹ Era de costume do povo sertanejo atribuição de título de nobreza a grandes fazendeiros

Mandou chamar dois capangas:
_Me façam um surrão bem feito
Façam isto com cuidado
Quero ele um pouco estreito
Com uma argola bem forte,
Pra levar este sujeito!

Quando acabar de fazer
Mande este bandido entrar,
Para dentro do surrão
E acabem de costurar
O levem para o rochedo,
Para sacudi-lo no mar.

Passado algum tempo o matuto esperto volta à fazenda do duque com o dinheiro que conseguiu com a venda da boiada. O duque fica admirado com riqueza daquele que ele pensava ter dado um fim. Novamente o duque cai na conversa do matuto e pensando ir encontrar muito dinheiro é jogado do penhasco ao mar, encerrando assim o enredo do folheto.

Aqueles seus dois capangas
Voaram-me num lugar
Eu caí de serra abaixo
Até na beira do mar
Aí vi tanto dinheiro,
Quanto pudesse apanhar!.

O velho ia pensando
De encontrar muito dinheiro,
Porém sucedeu com ele
Do jeito do boiadeiro,
Que quando chegou embaixo
Não tinha um só osso inteiro.

O compadre matuto representa o claro exemplo do anti-herói das histórias de folhetos. Personagem da mesma descendência de Pedro Malasartes, João Grilo, Cancão de Fogo, entre outros. Um sujeito pobre e feio que consegue sobreviver somente pela sua astúcia e destreza ao aplicar o que na literatura de folhetos conhecemos como “quengos”.

O folheto perpassa os limites do conto fantástico e desliza no imaginário popular com a criação de personagens enraizados na cultura do povo do sertão. A sátira nesse caso se dá através da inversão de papéis, e novamente podemos retomar aspectos da sátira menipéica. Conforme Bakhtin (1981, p.101) “A menipéica é plena de contrastes agudos e jogos de oximoros: a hetera virtuosa, a autêntica liberdade do sábio e sua posição de escravo, o imperador convertido em escravo, à decadência moral e a purificação, o luxo e a miséria, o bandido nobre”. Temos nessa história um personagem oprimido que vence pela astúcia, mesmo que para isso se valha de meios questionáveis, como é o fato de matar o boiadeiro e fazer acreditar que os fins justificam os meios. Outro personagem que enfatiza esse destronamento é o duque que sai de sua posição de superioridade e passa para a posição de inferioridade diante da esperteza do compadre

Percebemos, também que a combinação de fantástico com aspectos reais da vida contribuem para a realização da sátira, uma vez que o fato de fazer o “duque” acreditar que o compadre tinha um cavalo que defecava dinheiro demonstra o tamanho da ambição do personagem chegando a torna-lo ingênuo. Esse é mais um aspecto de aproximação entre a obra satírica de Leandro e a Menipéica. Para Bakhtin (1981, p.99) “a ousadia da invenção e do fantástico combina-se na menipéica com um excepcional universalismo filosófico e uma extrema capacidade de ver o mundo.” Veja-se as estrofes 5 e 6:

Foi na venda de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Pra não ser censurado.
No fiofó do cavalo
Foi o dinheiro guardado.

Inda
Popo

Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro
Saiu dizendo: Sou rico
mais que um fazendeiro
porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro.

Fator importante para o desenvolvimento do aspecto satírico é o trabalho com a linguagem. A escolha de alguns termos é determinante para causar o efeito humorístico, como podemos perceber na utilização do termo “fiofó” nessas estrofes.

O trágico final vivido pelo duque avarento tende a não gerar piedade e sim o sentimento de vingança. Veja-se a forma como o autor desenvolve essa parte do enredo:

O velho ia pensando
De encontrar muito dinheiro
Porém sucedeu com ele
Do jeito do boiadeiro
Que quando chegou embaixo
Não tinha um só osso inteiro

A expressão da oralidade em conjunto com as situações embaraçosas satiriza o personagem prepotente em suas tentativas sempre frustradas de se sair bem. Daí podemos entender que a criação desses personagens cheios de oximoros, o compadre muito pobre e duque muito ambicioso, perpassam todo o desenrolar do enredo e se completa com o final trágico para o duque avarento e a vitória para o compadre pobre.

3. Vivência com folheto em sala de aula: um relato reflexivo

A partir de algumas ideias apontadas pela Estética da Recepção, que desenvolveu seus estudos dando destaque à figura do leitor e as relações estabelecidas entre esse e o texto, muitas pesquisas voltadas para o ensino de literatura passaram a centrar-se na recepção que o aluno leitor tem das obras. Para o método recepcional segundo Bordini & Aguiar (1993, p.31) “A obra é tanto mais valiosa quanto mais emancipatória, ou seja, quanto mais propõe ao leitor desafios que as expectativas deste não previam”.

Nesse sentido procuramos desenvolver atividades de leitura que possibilitassem observar o modo de recepção e os efeitos causados pelo texto no leitor além de propiciar o contato efetivo com a leitura de cordel na sala de aula.

A relevância desta intervenção se deu a partir da necessidade de apontar sugestões metodológicas para o trabalho com a Literatura de cordel em sala de aula. Sugerimos que leitura literária fosse privilegiada, além disso, pretendíamos contribuir para a disseminação da Leitura de cordel na escola. Bell (2008) afirma que “os métodos são selecionados por fornecer dados que você precisa para produzir uma peça de pesquisa completa” p.101. Portanto, nessa tentativa de verificar com mais precisão o trabalho com a literatura em sala de aula é preciso dominar algumas técnicas que possam fornecer dados seguros e pertinentes.

A priori observamos a prática do professor de literatura e posteriormente aplicamos um questionário sócio – cultural como os alunos colaboradores, a fim verificar suas experiências de leitura. O questionário consta de questões abertas, que serviram de instrumentos para traçarmos o perfil dos alunos colaboradores. Utilizamos também a pesquisa – ação por considerar que ela nos orientou no decorrer da nossa experiência, fornecendo dados sobre como criar e formular estratégias que possam ajudar a desenvolver competências e habilidades de leitura “A pesquisa – ação é eminentemente pedagógica e política. Ela pertence por excelência à categoria da formação, quer dizer, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano” (BARBIER, 2002, p. 19).

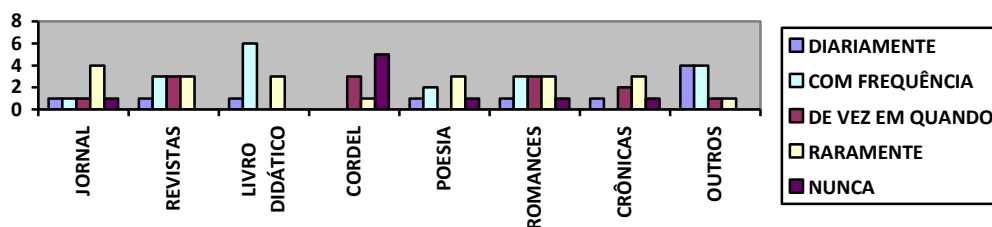
Portanto, nossa experiência se pautou em dois tipos de procedimentos: a apreciação crítica e pesquisa – ação. Apreciação crítica no que se refere à leitura e análise do folheto de Leandro Gomes de Barros e pesquisa-ação no decorrer da nossa experiência com a leitura de folhetos na sala de aula.

Sabemos que a leitura de um texto é um processo complexo, que engloba algumas fases como compreensão e levantamento de diferentes hipóteses de significação. Nessa perspectiva, trabalhar com o texto literário na sala de aula exige do professor um planejamento e organização das atividades de leitura. Pensar estratégias de leitura de cordel na sala de aula presume antes de tudo, certa empatia por parte do pesquisador; Pinheiro (2012, p.126) afirma que “qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe esse envolvimento afetivo com a cultura popular”.

Através dos dados coletados com questionário montamos um breve perfil dos colaboradores, que descreveremos a seguir:

Era uma turma de 12 alunos, 8 homens e 4 mulheres com idades entre 16 e 19 anos a maioria residente na Zona urbana (apenas uma aluna morava na zona rural). Dos 12 alunos apenas quatro trabalhavam quando não estavam na escola, onze, afirmaram serem solteiros, apenas um afirmou não ser solteiro nem casado (marcou a opção outro). Nenhum deles havia ficado algum período sem estudar, porém 3 deles já haviam repetido de série.

Quanto aos hábitos de leitura, 5 alunos responderam que mantinham esse hábito, 6 responderam que não costumavam ler e 1 aluno não respondeu a essa pergunta. Quanto ao tipo de leitura que eles realizam obtivemos os seguintes dados:

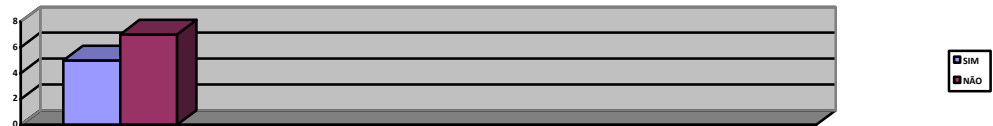


Podemos perceber que a maioria dos alunos afirma realizar com frequência a leitura do livro didático, que, talvez seja influência das ações da professora que em seu discurso afirma utilizar-se muito desse suporte didático. Também percebemos que a leitura literária ocupa um espaço de desvantagem em comparação com a leitura de jornais e de revistas, o que nos deixa um pouco apreensivas quanto ao fato de um dos motivos que nos levaram a escolher tal série tenha sido uma possível maturidade leitora, ao mesmo tempo em que ficamos felizes em saber que com frequência nossos colaboradores realizam algum tipo de leitura.

Ao serem questionados se na escola lhes eram indicados livros para leitura em casa, obtivemos o seguinte resultado que de início nos pareceu positivo:

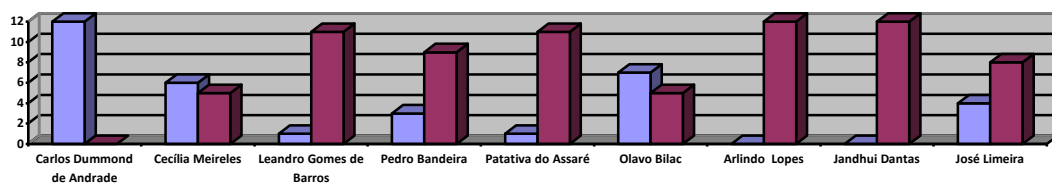


Porém, ao serem questionado se eles realizavam as leituras indicadas obtivemos os seguintes resultados:



Podemos então depreender que a maioria, mesmo sendo indicado pela professora, não realiza as leituras. Vale ressaltar que um dos alunos que afirmaram não realizar as leituras indicadas nos procurou posteriormente para destacar que teria respondido não, porém isso não significava que não lia, mas que não lia porque era indicado e sim lia o que lhe dava vontade. Entendemos essa resposta como sendo uma forma desse aluno firmar sua autonomia e identidade.

Ao serem questionados se conheciam algum poeta popular, 5 alunos responderam que não e 6 responderam que sim, porém ao completarem a questão citando o poeta popular que conheciam citaram nomes como Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos, Fernando Pessoa, Pedro Bandeira e João Cabral de Melo Neto e Chorão (Vocalista e compositor do grupo musical CBJr.). Essas respostas demonstraram que a turma não consegue fazer distinção entre poetas, romancistas ou mesmo compositores musicais e também não identificam nenhum poeta realmente popular. Quanto aos escritores que eles conheciam dentre uma lista que lhes foi apresentada no questionário obtivemos os seguintes resultados:



Percebemos que é grande ainda o conhecimento acerca dos escritores já renomados e cuja relevância está cristalizada na sociedade. Enquanto que o conhecimento dos escritores popular se apresenta de modo tímido, mesmo aqueles escritores nascidos em sua cidade, como é o caso do poeta Zé Limeira, apenas quatro alunos afirmaram conhecerem, isso representa menos de 40 % da turma. Quando interrogados se já haviam lido textos dos escritores que afirmaram conhecer tivemos respostas que variavam entre os que confirmavam e citavam títulos de obras e os que afirmavam terem lido, mas que não lembravam títulos das obras. Apenas 3 alunos afirmaram nunca terem lido nada de nenhum dos escritores e 2 alunos não responderam a questão.

Quanto à leitura de cordel 09 alunos responderam que já haviam lido algum folheto na vida e 3 responderam que nunca haviam lido nenhum folheto. Por fim lhes foi indagado se conheciam algum poeta popular ou cantador da região, 7 responderam que sim, conheciam algum poeta ou cantador da sua região e o restante respondeu que não.

Concluimos a análise dos dados coletados através do questionário observando que o contato que esses alunos tiveram durante a educação básica (visto que se encontravam na última etapa) com a literatura foi um tanto superficial e que a aproximação com a leitura literária é vaga.

3.1 A imagem do esperto na Literatura de Folhetos: Leitura em sala de aula do folheto *O cavalo que defecava dinheiro*.

O encontro com a turma aconteceu no dia 07 de outubro de 2011, se deu em um clima muito favorável, parecia até que já éramos conhecidos ou que realmente fazíamos parte do grupo de professores daqueles alunos, todos nos cumprimentavam ao chegarmos à escola. O folheto a ser trabalhado tinha apenas uma edição atualizada, então não conseguir folhetos suficientes para todos, por isso, resolvi xerografar uma parte, assim garantiria o acesso ao texto por parte de todos.

Entramos na sala de aula, cumprimentamos a turma, perguntamos se estavam prontos para aula e então com o intuito de motivá-los para a leitura que iria ser proposta indagamos se havia ali entre eles alguém que eles consideravam como sendo o esperto da turma ao que obtivemos as seguintes respostas:

Aluno1: (8)

Aluno 3: É ele sempre quer se dar bem!

Aluno 2: É, mas, Raissa também!

Aluno3: Pelo visto temos muitos “espertos” aqui.

Comentamos, que a história de que leríamos havia um personagem que iria tentar se sair bem em todas as situações. Distribuimos os folhetos explicando o porquê de alguns serem cópias xerografadas e pedimos que observassem a xilogravura atentando para as imagens e tentassem identificar a figura do esperto no enredo. Tecemos alguns comentários a respeito das particularidades físicas dos folhetos. Como resposta a nossa indagação sobre o enredo do folheto obtivemos os seguintes comentários:

Aluno 4: com certeza é esse gordinho!

Aluno 5: o de chapéu!

Aluno7: Parece com (aluno3)!

Todos: Riram e confirmavam com gestos!

Aluno 5: Esse gordinho tem o olhar de que sempre quer se aproveitar.

Sugerimos que fizéssemos a leitura em forma de jogral, para que pudéssemos compartilhar melhor a leitura. Segundo Colomer (2007, p. 144) “as atividades de compartilhar são as que melhor respondem a esse antigo objetivo de “formar o gosto” a que aludimos.” Eles concordaram e iniciamos a leitura. Outro fator que influenciou-nos a sugerir esse tipo de leitura foi fato do texto ser um pouco longo, uma vez que é composto em 77 sextilhas, acreditamos que neste caso a leitura feita oral, somente pelo professor se tornaria enfadonha e isso colocaria em risco o nosso objetivo de a partir dessa experiência formar leitores de cordel. Iniciamos a leitura e pudemos notar que todos os alunos possuíam uma boa entonação de voz para leitura oral de cordel, eles conseguiam demarcar com bastante expressividade as rimas e mesmo tendo afirmado em sua maioria terem pouco contato com a leitura de cordel realizaram a leitura de forma que superou nossas expectativas.

Durante a leitura também pudemos notar que algumas estrofes, chamaram mais a atenção dos leitores e isso se deu talvez pelo aspecto satírico das estrofes enfatizado pelo tom humorístico, principalmente pelo uso de determinadas expressões como exemplo, as estrofes 5 e 6 que provocou o riso da maioria dos alunos:

Foi na venda de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Para não ser censurado.
No fiofó do cavalo
Foi o dinheiro guardado

Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro
Saiu dizendo: sou rico
Inda mais que um fazendeiro
Por que possui um cavalo
Que só defeca dinheiro

Encerrada a leitura, não houve necessidade de provocar o debate, visto que, esse se deu de maneira espontânea:

Aluno 8: É o esperto aí foi o pobre

Aluno2: Tem que sobreviver

Aluno 5: É a lei da sobrevivência

Perguntamos se eles confirmavam a ideia que tiveram ao observarem a xilogravura a e obtivemos as seguintes respostas:

Aluno 5: Não, pensei que o esperto fosse o gordinho, fazendeiro!

Os outros confirmavam com palavras como “eu também”

Aluno 6: É, mas, nem sempre o rico é mais esperto.

Percebemos que o destronamento contribui muito no desenvolvimento do aspecto satírico e neste folheto se torna fator decisivo na construção do enredo e isso é facilmente percebido pelos nossos alunos que apontam logo de início a surpresa pelo fato de o esperto ser o que de início aparentava ignorância. Pedimos, então, que alguém lesse a estrofe que mais chamou atenção:

Aluno2: Tive pena da velhinha, coitada! Então leu a estrofe

O velho muito ligeiro

Foi buscar a rabequinha,

Ele tocava e dizia:

Porém a pobre da velha,

Nunca mais comeu farinha.

Outro aluno destacou as estrofes 5 e 6, confirmando a nossa observação de que essas estrofes tinham realmente chamado atenção pelo tom satírico do autor enfatizado pelo trabalho com a linguagem na seleção de termos considerados de baixo calão, que contribui para o tom humorístico do folheto remetendo-nos a primeira característica da sátira menipeia, “excessiva importância dada ao elemento cômico” (BAKHTIN, 1981). Ao ser lida novamente pelo aluno todos voltaram a rir.

Conforme comentamos durante a análise do folheto lido percebemos (e nossos colaboradores destacaram) que a combinação de fantástico com aspectos reais da vida contribuem para a realização da sátira, uma vez que o fato de fazer o “duque” acreditar que o compadre tinha um cavalo que defecava dinheiro demonstra o tamanho da ambição do personagem chegando a torna-lo ingênuo e esse é mais um aspecto de aproximação entre a obra satírica de Leandro e a menipéia que para Bakhtin (1981, p.99) “a ousadia da invenção e do fantástico combina-se na menipéia com um excepcional universalismo filosófico e uma extrema capacidade de ver o mundo”.

Considerações finais

Primeiramente devemos explicitar que, após refletirmos sobre nossa experiência de leitura, podemos afirmar que, de fato, ao optarmos desenvolver a experiência a partir do aspecto satírico eliminamos uma barreira inicial que era o contato dos alunos com a Literatura de Cordel de forma agradável comprovada pelo envolvimento deles com a leitura e pelos diversos momentos de descontração e riso.

Procuramos realizar uma reflexão sobre como outras perspectivas de ensino (diferente do historicismo a que estavam acostumados) podem contribuir para enriquecer a experiência do aluno com a literatura em sala de aula.

Podemos de certa forma, dizer que nossas hipóteses iniciais foram confirmadas, visto que durante os debates suscitados, os alunos, mesmo sem mencionarem termos teóricos, atentaram para o fato de que de forma jocosa, a sátira fazia a diferença naqueles folhetos, pois tende a fazer com que reflitamos acerca de determinadas situações e condição humana.

Da leitura do folheto *O cavalo que defecava dinheiro* podemos destacar, que assim como enfatizamos em nossa análise o *destronamento* foi o aspecto que mais chamou atenção dos alunos, comprovado pelos seguintes comentários, aluno 8: “é o esperto aí foi o pobre!”, aluno 6: “Mas nem sempre o rico é mais esperto!”. Percebemos que esse fator foi decisivo para compreensão do enredo.

Quanto à perspectiva de leitura literária norteadora de nossa pesquisa, constatamos que a sala de aula enquanto espaço de experiência literária significativa dá lugar a textos literários que não constam nos manuais didáticos, auxiliando no desenvolver da criticidade dos alunos.

Referências bibliográficas

- BABIER, René. **A Pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Dido. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BARROS, Leandro Gomes de. *O cavalo que defecava dinheiro*. snt.
- BELL, Judith. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRASIL/SEMEC. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: MEC/Semtec, s2008.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1.^aed. São Paulo: Contexto, 2009.135p.
- CURRAN, Mark J. **A Literatura de Cordel**. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 1973.
- DIÉGUES JR. M e outros. **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- FARIAS, Alyere Silva. **Encontro com Lalino e Cancão: estranhamentos e parencas na vivência do texto literário em sala de aula**. Campina Grande, 2010.162 f.: il. col. (Dissertação Mestrado em Linguagem e Ensino Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Referências.).
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LÚCIO, Ana Cristina Marinho & Pinheiro, Helder. **Cordel na Sala de Aula**. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 2001.
- MOISES, Massaud. **Dicionário de termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____; LÚCIO, Ana C. Marinho. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).